

LUAMANDA: CORPO DECOLONIAL REALINHANDO CAMINHOS DE VOLTA

LUAMANDA: DECOLONIAL BODY REALIGNING PATHS BACK

RESUMO

Considerando a diversidade de significados, a Literatura Afro-brasileira tem papel relevante na construção histórica e identitária deste país por meio da multiplicidade de olhares e representações da/o negra/o ao longo de escritos e enquanto *corpus*. Imbuídos nessa discussão de entender a escrita como rompimento da estrutura colonial e descolonização de vozes dos sujeitos subalternos, esta pesquisa pretende discutir o conto *Luamanda*, do livro *Olhos d'água* (2016), cuja obra da autora Conceição Evaristo apresenta uma escrita que exterioriza subjetividades, sobretudo dos corpos das mulheres negras atravessados por vivências marcadas pela violência epistemológica, entrecortada por eixos de opressão de gênero, raça e classe. Nessa perspectiva, a autora traz uma narrativa poética que representa temáticas que se relacionam a situações do cotidiano de personagens negras, discutindo temas como memória, racismo, existência e resistência. O conto *Luamanda* subverte a mesmidade das representações do corpo negro, tipificadas pela literatura canônica e confinadas ao pensamento colonizador dando-lhe centralidade e voz. A autora desalinha a estrutura colonial e reescreve as representações das mulheres bestificadas, objetificadas e com corpos hipersexualizados, (Lugones, 2014). *Luamanda* escreve suas vivências tornando-se protagonista da sua história e assim descoloniza a fala, o seu corpo e seus amores para além dos muros da violência. Neste sentido, este trabalho apresenta uma literatura que corrobora com teóricos dos estudos decoloniais dentre estes, Aníbal Quijano (2005), Bell Hooks (2019), Djamila Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2019), Maria Lugones (2014), Walter D. Mignolo (2017), e outros para pensar este corpo textualizado, racializado e decolonial de mulher negra que se emancipa e transgride o pensamento hegemônico.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira. Estudos decoloniais. Literatura decolonial. Erotismo feminino

ABSTRACT

Considering the diversity of meanings, Afro-Brazilian Literature has a relevant role in this country's history and identity construction through the plethora of sights and representations of black people along with writings and while *corpus*. Immersed in

Francielle Suênia da Silva

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Email: franciellesu@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2367-2817>

Macksa Raquel Gomes Soares

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Email: macksasoares32@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6112-9137>

Déborah Alves Miranda

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Email: deborah.alves79@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0418-2396>

the discussion of understanding writing as a disruption of the colonial structure and the decolonization of subaltern subjects, this research aims to discuss the short story *Luamanda* from the book *Olhos d'água* (2016) by Conceição Evaristo. It presents a mode of writing that externalizes subjectivities, mainly those of black women crossed by experiences marked by epistemological violence, in their turn crossed by oppression axes such as class and gender. From that perspective, the author presents a poetic narrative that represents themes related to black characters' daily life situations discussing themes such as memory, racism, existence, and resistance. The story *Luamanda* subverts the sameness regarding the representations of black bodies typified by the literary canon and confined to the thought of the colonizer, giving it a central place and voice. The author dishevels the colonial structure and rewrites the representations of bestialized women who are also objectified and hypersexualised bodies (Lugones, 2014). Luamanda writes her experiences and becomes the protagonist of her story, thus decolonizing speech, her body, and her loves beyond the walls of violence. In this sense, this work presents literature that corroborates with scholars from the field of decolonial studies, among them Aníbal Quijano (2005), Bell Hooks (2019), Djamila Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2019), Maria Lugones (2014), Walter D. Mignolo (2017) and others. These studies help us reflect upon this textualized, racialized, and decolonial black woman's body that emancipates itself and transgresses hegemonic thinking.

Keywords: Afro-Brazilian Literature. Decolonial studies. Decolonial literature. Women eroticism.

Introdução

O amor é um tema caro às mulheres negras, não por falta de merecimento ou pela incapacidade de amar e ser amada, mas por estarem situadas historicamente numa construção que objetifica seus corpos à perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado, como bem assinalou Hooks (2014).

Pensar essa temática sob o olhar de corpos que são violentamente, em sua maioria, atravessados pela dor de não se sentir pertencida muitas vezes pelo amor é romper paradigmas e promover diálogos possíveis e urgentes. A literatura, nesse sentido, é porta aberta para realinharmos e traçarmos caminhos de volta aos afetos, à nossa ancestralidade e, sobretudo, tornar-se protagonista de nossas histórias enquanto mulheres negras.

Nesse tear, a escrita de Conceição Evaristo nos empresta narrativas que descolonizam os corpos ainda enraizados nessa construção escravagista que não os considera como pessoas dignas de afetuosidade, de prazeres, do gozo. Assim, a escrita evaristiana tece caminhos possíveis quando transita por temas que perpassam sobre a vida das mulheres negras. Tendo a literatura como uma maneira de sentir, de navegar sob águas profundas que transformam por meio da escrita espaços e arcabouços erigidos pelo racismo estrutural, patriarcalismo, sexismo, memória, condição da mulher negra, violência, política de ódio e de morte, existência, identidade são

temáticas que representam suas produções literárias e, ao tocar nesses assuntos, ajudam a refletir sobre as vivências negras. Nos contos *Olhos d'Água* (2016), a autora emprega essas representações com leveza e sensibilidade de um corpo com autoridade e lugar de discursos poderosos, de uma vivência permeada por palavras, embora carente de bens materiais, como sinaliza a própria autora em uma autobiografia.¹

O conto aqui analisado – *Luamanda* – constrói a resignificação das representações sobre as mulheres negras na literatura e ainda desmistifica a relação entre mulheres. A autora, Conceição Evaristo, redimensiona as identidades dessas mulheres negras produzindo um discurso contestador em contraponto à perpetuação da imagem de hipersexualização do corpo-objeto das mulheres, principalmente negras. Nessa perspectiva, Evaristo reconstrói através de *Luamanda* o direito ao prazer, à sexualidade, traz um olhar sobre o corpo de mulher fracionado pelas marcas da colonização, corpo de mulher negra antes como objeto, agora como alguém que busca amor, sobretudo. *Luamanda* que, ao longo de cinco décadas, relembra suas relações questionando e descobrindo sobre o amor de menina, o amor de mãe, de uma mulher para outra, um amor mais velho e amor marcado pelo trágico. Desse modo, um corpo decolonial que reproduz discursos de restituição da sua humanidade, ao passo que reivindica falas e direitos à existência.

Diante disso, esta pesquisa pretende discutir o conto *Luamanda*, do livro *Olhos d'água* (2016), cuja obra da autora Conceição Evaristo apresenta uma escrita que exterioriza subjetividades, sobretudo dos corpos das mulheres negras atravessados por vivências marcadas pela violência epistemológica, entrecortada por eixos de opressão de gênero, raça e classe. Para alcançar nosso objetivo geral, discutiremos, primeiramente, alguns recortes do conto *Luamanda*, a fim de apresentar em linhas gerais a obra; em seguida, faremos uma reflexão acerca do corpo decolonial e do feminismo; e, por fim, analisaremos o poder do erótico e a libertação do corpo feminino apresentando e discutindo excertos do conto.

Recortes sobre o conto *Luamanda*

A narrativa percorre, em tons memorialísticos, as diferentes relações vividas pela protagonista-título, *Luamanda*, em quase cinco décadas, destacando sua relação com a lua em momentos de gozo-prazer. Relação, inclusive, daquela que comanda seu prazer, como já sugere seu nome, além de fazer referências a algumas lendas de origem africana cuja lua representa o princípio do feminino, a fertilidade. Como diz no excerto:

Era a lua a mostrar-se redonda no céu, *Luamanda* na terra se desminlinguia todinha. Era como se algo derretesse no interior dela

¹ Autobiografia apresentada durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras em Maio de 2009, intitulada *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*, publicada no Portal Literafro da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>

e ficasse gotejando bem na altura do coração[...] A lua espiava no céu denunciando com a sua luz um corpo confuso de uma quase menina, de uma quase mulher. (EVARISTO, 2016, p. 50-60)

A história inicia com memórias de Luamanda contando sobre sua primeira experiência sexual. O enredo nos apresenta um corpo complexo, porém afetuoso, que afeta e é também atravessado pelo outro, um corpo decolonial que reinaugura e adquire o direito ao amor e a ser amada, mesmo em meio aos movimentos disformes frente aos desmandos da vida, como observamos no excerto a seguir:

Um dia, aos treze anos, a cama do gozo foi arrumada em pleno terreno baldio. Corpo-coração espetado por um falo, também estreante. Um menino que se fazia homem ali a inaugurar em Luamanda o primeiro jorro, fora de suas próprias masturbantes mãos. E ambos se lambuzavam festivamente um no outro. Luamanda chorando de prazer. O gozo-dor em suas pernas lacrimejavam no falo intumescido do macho menino, em sua primeira no corpo de uma mulher. (EVARISTO, 2016, p. 60)

A autora segue nos amarrando na história de Luamanda através do fio de vida quando nasce a personagem-mãe: *“Lua cúmplice das barrigas-luas de Luamanda. Vinha para demarcar o tempo grávido da mulher e expulsar, em lágrimas amnióticas e sangue, os filhos: cinco”* (EVARISTO, 2016, p. 61). Uma mulher aberta ao amor materno, à espiritualidade de ser mãe como evidência Oyèrónké Oyěwùmí (2016), com o direito à plena maternidade, ao passo que remonta suas subjetividades, distante dos estereótipos que antes envolviam a maternidade negra no Brasil. (SILVA, 2017)

A escrita evaristiana nos empresta o bojo da escrita que contesta paradigmas e convenções, sobretudo normas impostas aos corpos de mulheres, visto que, ao desnudar Luamanda desejante, desejada, a autora mineira desconstrói padrões de submissões, colonizadores. Questões opressoras que fazem parte da vida de muitas mulheres são agora desveladas quando o conto nos mostra uma mulher preta entregue ao prazer e que olha para seu corpo como parte deste e, ao mesmo tempo, conduz o leitor a olhá-la da mesma maneira.

“O amor se guarda só na ponta de um falo, ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra?” (EVARISTO, 2016, p. 61). A autora negra alvorece nas páginas desta narrativa uma Luamanda que se descobre em braços semelhantes aos seus. Conceição Evaristo apresenta uma relação homoafetiva desprovida de erotização e/ou hipersexualização desse corpo, comum aos discursos voltados às mulheres em suas vivências lésbicas ou bissexuais. Ao questionar como surge esse amor, de forma poética ensina que esse sentimento não nasce nas velas do preconceito ou de qualquer outra convenção, mas sim do encontro, do ser visto com dignidade, da possibilidade da entrega de corpos que são percebidos para além do gênero, ou de “um falo ausente”.

[...]afundou-se em um doce e feminino carinho. E, quando se sentiu coberta por pele, poros e pelos semelhantes aos seus, ela, saudade alguma sentiu, vazio algum existiu, pois todas as fendas do seu corpo foram fundidas nas femininas oferendas da outra. (EVARISTO, 2016, p.61)

Evaristo gesta, ao contar Luamanda, sobre a transformação do erótico, da personificação do desejo em amor, “um retomar da nossa linguagem, da história, do nosso amar” (LORDE, 2019).

Nesse tecer de véus, a narrativa vai sendo contada rememorando as tramas de amores e desamores pelas quais passa Luamanda, corpo feminino que se permite emaranhar-se do amor e prazer nas estranhezas e violências ambientadas nessas experiências de mulher preta que coadunam com a de muitas mulheres situadas nessa condição sócio-histórica.

A leitura atenta de *Luamanda* nos aprofunda do conceito do amor quando o conto nos interpela por diversas perguntas que compõem a tessitura textual de Evaristo. Questiona para incomodar ou provocar reflexões sobre a quem é permitido amar? Quais são os copos que ganham esse direito? A personagem e a escrita remontam em nós, enquanto corpos femininos, negros, lésbicos, deslocados, animalizados, o pensar sobre si em detrimento do olhar do outro como parte encontrada, pertencente aos seus próprios desejos.

Luamanda busca sua identidade fracionada em meio às violações de gênero, que estão entrecortadas por uma relação de raça e classe. É importante assinalar que *Luamanda* é uma narrativa sobre amor, não na sua finitude pretensiosa ou nas imposições de poder, mas no sentido único e caro às mulheres, especialmente as negras: ser afeto e poder ser afetado por este. “Apressou-se. Podia ser que o amor já não suportasse um tempo de longa espera” (EVARISTO, 2016, p. 64).

Travessia do corpo decolonial e feminista

“Escrever pode ser uma espécie de vingança.

Às vezes fico pensando sobre isso.

Não sei se vingança, talvez desafio, modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança.” (EVARISTO, 2005)

O texto aqui analisado cria em nós, enquanto leitores, um novo imaginário acerca dos corpos negros, especialmente das negras, porque nos afasta da visão estereotipada, hipersexualizada, no qual esteve colocado pelo extrato social e pela literatura canônica, predominante branca e masculina, visto que a personagem Luamanda subscreve sob as estruturas coloniais históricas uma sexualidade afetuosa, de quebra de paradigmas também literários.

O espaço privado de Luamanda é majoritariamente marcado pelo amor e pelo prazer. Ressalvadas para estereotipização e lugar comum na representação de personagens masculinas, a escolha de uma mulher negra de meia idade, “quase cinco décadas”, satisfeita com sua condição de mulher experiente, para protagonizar a narrativa, marca a expressão poética. (SANTOS, 2018, p. 155)

Partindo dessa discussão, é importante destacar quais caminhos Luamanda traça para realinhar a sexualidade, ao mesmo tempo que teoriza sobre o feminismo negro decolonial. Nesse sentido, alguns conceitos nos ajudam a pensar essas narrativas decoloniais que rompem silêncios e amarras do sexismo, racismo e estruturas coloniais. Luamanda conta suas memórias, inclusive as de dor, para celebrar a resistência, como bem fazem e fizeram os afrodescendentes e seus ancestrais.

A intelectual Ochy Curiel (2020), em seu texto *Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial*, reelabora o conceito de pós-colonial ao afirmar que é um movimento de reinventar-se, reinterpretar a colonização como parte de um “processo de global, transcultural”, o que produz uma releitura, reescrita das canônicas narrativas imperiais. (Curiel, 2020). Em detrimento às violências epistêmicas que animalizam, invisibilizam e generalizam os corpos subalternizados, o feminismo decolonial surge como um movimento que objetiva revisar e propor novos caminhos para essa teoria que universaliza as mulheres, o feminismo hegemônico, ou seja, construir novas metodologias epistemológicas, como afirma Curiel (2020).

Conceito criado por María Lugones (2014), autora feminista argentina, “o feminismo decolonial nos oferece uma nova perspectiva de análise para entendermos de forma mais clara os entrelaçamentos entre raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica” (CURIEL, 2020, p. 121).

Para María Lugones (2014), o feminismo decolonial parte da premissa de que o sistema colonial considera as mulheres como sujeitos despersonalizados, animalizados, objetos de uma estrutura histórica, portanto gênero é um conceito moderno se assinalamos que a mulher colonizada é “vazia”, uma vez que nós estamos, enquanto mulheres, condicionadas a essa classificação de objeto, de descarte, de animalização. Além disso, Lugones aponta para o fato de que, quanto mais distantes dos ideais eurocêntricos/colonizadores, a saber homem branco, rico, cristão, heterossexual, mais “vazias” são as pessoas, uma vez que, nem estão nos padrões, tampouco possuem o conhecimento valorizado pela colonialidade. Ou seja, o processo colonizador criou os/ as colonizadas/ as para reproduzir ideias de reduções dos seres.

Conceição Evaristo, ao contar Luamanda, nos oferece um corpo que aciona as teorias feministas decoloniais num viés interseccional, uma vez que fala a partir e para um corpo preto descolonizado. Ao entrelaçar raça, gênero e classe a autora interpela o feminismo negro decolonial como uma ferramenta epistêmica de rompimento, uma vez que, “o pensamento feminista consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (COLLINS, 2016, p. 101).

Desse modo, a escrita evaristiana supera as marcas da colonialidade, pois provoca um processo contínuo de transgressão e insurgência. Isso pode ser ratificado quando verificamos que a autora nos apresenta um projeto de escrita e vivências decoloniais por meio de suas obras. Assim, ao produzir arte e conhecimento a partir do *locus* de corpos negros – ainda que marginalizados política e socialmente –, Evaristo nos convida a olharmos para a subversão promovida por suas personagens, em sua maioria, mulheres negras, não cristãs, pobres, de orientações sexuais diversas. Esse comportamento de boa parte das mulheres de Evaristo coaduna com o pensamento de Lugones (2014, p. 939), ao destacar que “a colonialidade de gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/raça/classe como construtos centrais do sistema capitalista mundial”. No entanto, essa permanência destacada por Lugones não é imutável para Evaristo, pois suas protagonistas produzem vida, mesmo em situações adversas; sofrem, muitas vezes, as consequências por tentarem modificar a ordem estabelecida pela colonialidade, mas, ainda assim, persistem. Isso mostra que “Achar brechas [na e para a representação literária] é parte do gingado, da dança das palavras e é importante para mostrar novos caminhos à sociedade, ainda fechada para as encruzilhadas (SILVA, 2022, p. 94).

Desse modo, a escrita evaristiana supera as marcas da colonialidade, pois provoca um processo contínuo de transgressão e insurgência. A autora nos apresenta um projeto de escrita e vivências decoloniais, já que produz conhecimento a partir do *locus* de corpos políticos e socialmente desajustados e que extrapolam os espaços para além das diferenças estabelecidas. O que coaduna com María Lugones (2014, p.939), ao destacar que, “a colonialidade de gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/raça/classe como construtos centrais do sistema capitalista mundial”.

A colonialidade, como herança primeira da modernidade e do capitalismo, como novas roupagens do colonialismo, perpetua nos corpos, principalmente das mulheres e demais grupos às margens, os recortes de gênero, raça e classe, em uma leitura decolonial, são essenciais para entender o constructo desse sistema, tendo em vista as particularidades de opressão inerentes. Para Mignolo (2017),

O pensamento descolonial e as opções descoloniais (isto é, pensar descolonialmente) são nada menos que um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade, a estrutura de administração e controle surgida a partir da transformação da economia do Atlântico e o salto de conhecimento ocorrido tanto na história interna da Europa como entre a Europa e as suas colônias [...] (MIGNOLO, 2017, p.6)

A necessidade de construção de uma nova realidade a partir da perspectiva decolonial é emergente a fim de superar a colonialidade. Segundo Barragán *et al* (2020, p. 246), “o feminismo contribui com sua construção articulando processos de descolonização e despatriarcalização.”

O poder do erótico feminino e a libertação do corpo-desejo

Historicamente, as mulheres foram objetificadas ao passo que também tiveram sua sexualidade reprimida e censurada, habitando os silêncios do desejo e sendo vistas como fonte de plenos prazeres para o masculino. Diante da concepção da mulher, enquanto objeto e ao mesmo tempo da mulher censurada, se construiu também em torno dela a sua vilanização, quando não correspondia ao que era esperado. O sexo se tornou tema proibido entre as mulheres quando sinônimo de prazer pois era unicamente reservado à reprodução, o erótico foi mistificado e as mulheres que ousavam atrelar sua imagem ao erótico eram consideradas devassas e bruxas. (FEDERICI, 2019)

Assim, ao longo do tempo, a construção do imaginário pornográfico associado ao erótico, destituiu as mulheres de seu poder. As sexualidades femininas dissidentes da heteronormatividade, a lesbianidade e a bissexualidade, foram ainda mais fortemente associadas ao devasso e ao profano, o que contribuiu para sua marginalização e invisibilidade, tanto na história como nas artes.

Percebemos tal invisibilização, quando observamos que na literatura, por exemplo, tanto como personagens quanto como autoras, mulheres lésbicas e bissexuais foram invisibilizadas e tal invisibilidade está ainda mais evidente em relação às mulheres lésbicas negras, segundo Rich (2010, p.20). Esse processo é fruto de uma sociedade que não concebe a existência lésbica de forma legítima, o que contribui para a perpetuação de violências através dos ideais patriarcais, racistas e cis heteronormativos. Ademais, a associação da afetividade romântica entre mulheres com o imaginário fetichizado e pornográfico masculino contribuiu e tem contribuído para a perpetuação de violências contra lésbicas e mulheres bissexuais.

Para Adrienne Rich (2010), a existência lésbica, e bissexual, podemos acrescentar, foi e ainda é hoje associada ao erótico como sinônimo de pornográfico:

a pornografia não cria simplesmente uma atmosfera na qual sexo e violência seriam intercambiáveis. *Ela amplia o conjunto de comportamento considerado aceitável para os homens em seus intercursos heterossexuais* [grifo da autora]– comportamento que retira das mulheres reiteradamente de sua autonomia, de sua dignidade e de seu potencial sexual, inclusive o potencial de amar e ser amada por mulheres com mutualidade e integridade (RICH,2010, p. 27)

Em consonância com o discutido acima, Lorde (2019) aponta os usos do erótico enquanto fonte de poder, enquanto força motriz, o erótico como sinônimo de amor, liberdade, do empoderamento que foi ocultado para as mulheres e cerceado pelo controle da sexualidade feminina (PERROT, 2017), através do domínio masculino. Para Lorde (2019, p.70), “o erótico é o que estimula e vela pelo nosso mais profundo

conhecimento”, e em obras como *Luamanda* percebemos o resgate dessa fonte de poder e conhecimento interno.

No conto homônimo, escrito por Conceição Evaristo, *Luamanda* tem em torno de cinquenta anos, embora tivesse marcas no rosto, não denunciavam sua idade, se via “inteirinha” diante da vida que, por vezes, em seus acontecimentos, insistia em quebrá-la. Em um jogo temporal entre passado e presente, quem ela foi e quem ela é, oscilando entre um tempo narrativo cronológico e psicológico (NUNES, 1988), percebemos a inteireza de *Luamanda* ao considerar-se como alguém que não se perdeu pelos espelhos da vida, como o eu lírico do poema *Retrato* de Cecília Meireles, ao qual Conceição Evaristo faz referência no conto, mas que mantém sua essência e busca pelo novo e pelo significado do amor.

Encarou novamente o espelho e se lembrou de um poema, em que uma mulher contemplando a sua imagem refletida, perguntava angustiada onde é que ela deixara a sua outra face, a antiga, pois não se reconhecia naquela que lhe estava sendo apresentada naquele momento. Não, não era o caso de *Luamanda*, que se reconhecia e se descobria sempre. (EVARISTO, 2016, p. 63)

Diante desse excerto, percebemos que, para além da potência dos afetos amorosos e do poder do erótico, *Luamanda* está envolta por um outro tipo de amor: o amor-próprio. Sobre essa faceta do amor, Hooks (2021, p.92) afirma que “amor-próprio é a base da nossa prática amorosa. Sem ele, nossos outros esforços amorosos falham”, ao passo que a autora também destaca o processo de construção do amor-próprio como um dos mais longos e uma construção difícil e constante.

Ao longo do conto, *Luamanda* questiona várias vezes o que seria o amor e seus efeitos. A cada nova experiência ela chega a uma nova pergunta sobre o amor, o que leva o leitor a perguntar a si mesmo qual delas está mais próxima de obter uma resposta acertada. Ao longo de suas experiências, percebemos *Luamanda* fortalecer o seu poder sobre sua própria vida e seus desejos ao se autoperceber protagonista de sua própria história, além de entender sua sabedoria interna ao lidar com os percalços de seu caminho, diante da violência que sofre de um ex-parceiro, que não aceitava o fim da relação. Embora conheça diversas facetas do amor, em suas diversas fases tal como a lua, *Luamanda* conhece também as agruras da vida, agruras estas que não a impedem de seguir em seu caminho rumo ao novo.

Se havia amor na vida de *Luamanda*, também um grande fardo de dor compunha as lembranças do caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida [...](EVARISTO, 2016, p. 62)

Em suas múltiplas experiências e amores, Luamanda aguça suas percepções de si e do mundo, o que a sociedade não costuma esperar nem conceder às mulheres, muito menos às mulheres em torno dos cinquenta anos e que exercem a maternidade. A possível censura que poderia sofrer por suas experiências eróticas, no percurso de Luamanda, é esquecida, sem esconder os detalhes dos abalos sísmicos dos amores que perpassaram seu corpo e sua vida. Em uma sociedade que censura a sexualidade das mulheres, Luamanda, aos cinquenta anos, não parece se deixar anular pelos pensamentos outros, experimentando o amor em braços semelhantes aos seus ou não. Luamanda era, sobretudo, Lua amada. Em uma de suas indagações, explicita “*O amor se guarda só na ponta de um falo ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra?*” Percebendo a multiplicidade da manifestação de sua própria sexualidade em seu caminho constante de autodescoberta. Em outro momento de indagação, explana “*o amor não cabe em um corpo?*”.

O amor, associado ao erótico, é chamado por Paz (1994, p.7) de “a dupla chama da vida”. O autor, no prefácio de seu livro homônimo, afirma: “*o fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustenta outra chama, azul e trêmula: a do amor. Erotismo e amor: a dupla chama da vida*”. Um está atrelado ao outro em uma relação de causalidade e podemos aqui observar isso através da personagem Luamanda.

Considerações finais

Podemos perceber a literatura como um espaço de resgate do poder do erótico, abordando o amor no sentido mais genuíno, o desprovido de preconceitos. A escrita evaristiana nos empresta uma narrativa que se apodera desse amor para sobrelevar-se além das amarras da colonização, quando conta *Luamanda* e a construção de afetos. Na obra contista de *Olhos d'água*, a autora textualiza corpos negros marcados pelas violências as quais estão submetidos historicamente, especialmente as mulheres negras, uma vez que estas sempre estão localizadas no limbo patriarcal atravessado pelo recorte racial que as coloca nessa categoria do “outro do outro” (KILOMBA, 2019).

Nesse sentido, as mulheres negras são hipersexualizadas, erotizadas, silenciadas, objetificadas, violências alimentadas pelo racismo estruturado e enraizado, mantendo a ordem social desses *corpus*. Nessa perspectiva, é importante lembrar que a Literatura também reforçou durante muito tempo esses estereótipos coloniais de gênero e raça que colocam as mulheres negras nessa condição de subalternidade.

Na contramão, hoje podemos observar que a Literatura afro-brasileira, como a de Conceição Evaristo e tantas/os outras/os, são escritas que resistem a essa estrutura e nos atravessam com a literatura que promove novos olhares e discussões. Evaristo decoloniza os espaços e ergue-se para ser vista e como escritora negra e, ao fazer isto, coletiva-se aos discursos e vivências que se assemelham aos seus. Logo, a literatura evaristiana

[...] vem, portanto, como um exemplo de possibilidade, mudança e reorganização coletiva – como propõe a decolonialidade –, uma vez que os sujeitos e as sujeitas envolvidos na ação estão cada vez mais articulados em reparar os danos do ontem, reestruturar e repensar o hoje para que a escrita do amanhã seja diferente, de modo que os corpos de pessoas negras, indígenas, de mulheres cis e trans não sejam atacados, perseguidos, marcados e mortos pela lógica colonial do desencanto. (SILVA, 2022, p. 161)

Neste lugar de transgressão e insurgência, narra *Luamanda* e seus amores percorridos por inúmeras experiências de afetos e de entregas livres. Talvez Luamanda, personagem principal do conto, buscasse por uma história com menos ausências para só assim preencher esse “vazio” que a colonização impõe aos corpos colonizados. Para isso, envolve-se, “forasteira de dentro” (RIBEIRO, 2018), por estar sempre em busca de espaços dentro e fora de si, se equalizando num mundo da outridade.

Nesse tear de reescrita do corpo, a protagonista se reencontra enquanto mulher que teve suas subjetividades fraturadas pelas marcas da perpetuação da colonização, sexismo, racismo e reconstrói a si e às outras. Desconcertando os discursos de que as mulheres negras são exóticas ou máquinas do desejo alheio, porque recompõe o próprio prazer, como num ato narcisista, Luamanda enxerga a si como uma mulher que denuncia as amarras que se perpetuam do colonialismo, igualmente que remonta em fios memorialísticos suas vivências e sobrevivências.

Referências

BARRAGÁN, Alba Margarita Aguinaga. LANG, Miriam. CHÁVEZ, Dunia Mokrani. SANTILLANA, Alejandra. *Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de Hollanda (org.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo o outsider within: a significação sociológica do pensamento negro. *Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril*, 2016.

CURIEL, Ochy. Construindo Metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento Feminista hoje: perspectiva decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. 384 p.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpos e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. *Não sou uma mulher. Mulheres negras e feminismo*. Tradução livre para Plataforma Gueto. Janeiro, 2014.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stefanie Borges. São Paulo, Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira- – Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 2014, vol 22, 2014 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>. Acesso em out, 2020.

MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. Revista brasileira de ciências sociais. Vol. 32, nº94, junho, 2017.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. Editora Ática, 1988.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ́. Matripotência: ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [iorubás]. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. In: *What Gender is Motherhood?* Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016.

PAZ, Octavie. *A dupla chama: amor e erotismo*. Trad. Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades*. Natal: v.4, n.5, jan/jun.2010, p. 17-44.

SANTOS, Mirian Cristina. *Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea*.- Rio de Janeiro: Malê, 2018. 260 p.21 cm.

SILVA, Fabiana Carneiro da. *Maternidade negra em Um defeito de cor: história, corpo e nacionalismo como questões literárias*. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

SILVA, Francielle Suenia da. *Escrevivências decoloniais e o corpo encantado em Conceição Evaristo*. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Letras – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2022.

Recebido em 02/07/2022.

Aceito em 13/10/2022.